

Seis dias de caos no HRG

ADRIANA BERNARDES

DA EQUIPE DO CORREIO

A greve dos 48 médicos residentes do Hospital Regional do Gama (HRG) entra, hoje, no sexto dia. A volta ao trabalho estava prevista para ontem. Mas foi cancelada porque a Secretaria de Saúde do Distrito Federal não cumpriu a promessa de encaminhar mais um anestesista ao hospital nem mudou o horário de trabalho dos demais, o que impediu a retomada das cirurgias eletivas, que podem esperar, e das operações previamente agendadas. Os residentes decidiram pela manutenção da greve em assembleia. Logo depois, uma comissão esteve na Secretaria de Saúde para negociar com o subsecretário de Atenção à Saúde, Evandro Oliveira da Silva, que estava em compromisso externo. O encontro foi remarcado para hoje, às 17h.

A paralisação dos residentes compromete 50% do atendimento, segundo o vice-diretor do HRG, Robson Brito. Diariamente entre 1,3 mil e 1,5 mil pessoas procuram a emergência do hospital. Nas primeiras horas de ontem, a sala de espera do pronto socorro estava lotada e os pacientes aguardavam também do lado de fora. Com o braço engessado e a perna cheia de pontos, o trabalhador rural Sebastião Moreira, 23 anos, passou a manhã sobre uma maca forrada apenas com uma colcha levada por ele de casa. "Se não fosse esse pano, eu ia ficar deitado sobre o ferro gelado. O pior é que não vão tirar os pontos da minha perna. Disseram

Marcelo Ferreira/CB



O PRONTO-SOCORRO E A ÁREA EXTERNA DO HOSPITAL ESTAVAM LOTADOS NO INÍCIO DA MANHÃ DE ONTEM

que o médico está de greve. E se der algum problema, quem vai ser o responsável?", quis saber.

Com fortes dores abdominais, o aposentado Luiz de Freitas, 50, não se conformava com a demora no atendimento. "Enquanto pude trabalhar, paguei todos os meus impostos e nunca precisei de médico nenhum. Agora, tenho que praticamente mendigar por atendimento", lamentou. A situação não era diferente no setor de emergência. Os doentes estavam alojados em macas até nos corredores. Na sala de "procedimentos infectados", onde fi-

cam as pessoas em situação de isolamento, uma idosa tomava soro deitada sobre a chapa de aço da maca e coberta apenas por um cobertor.

Cirurgias

Os pacientes que aguardam por cirurgia estão revoltados com a demora no atendimento. É o caso do caminhoneiro autônomo, Valdeci Florêncio de Lima, 62. Ele deu entrada no pronto socorro em 16 de junho, com a perna quebrada. Vinte e cinco dias depois, continua internado à espera de uma cirurgia. "Disseram que a

operação seria no dia 29. Depois falaram que não tinha anestesista e que eu teria de esperar mais um pouco. Isso é um absurdo", revoltou-se. A estudante Daniela Gomes da Silva Freitas, 22, também aguarda uma cirurgia no joelho desde 22 de junho, quando foi atropelada em uma faixa de pedestre. "O médico vem, olha, anota meu nome numa ficha e diz que tem muita gente na fila. Enquanto isso eu fico aqui, de molho, sem ir à escola, sem ter o que fazer", reclamou.

O diretor da Regional de Saúde do Gama, Paulo Henrique da

MOBILIZAÇÃO

Desde a semana passada,

48

médicos residentes estão de braços cruzados

Silva, confirma que a situação é grave. "As cirurgias eletivas foram reduzidas drasticamente por falta de anestesistas. Os procedimentos de emergência, caso de sses pacientes, são feitos à medida que há profissionais disponíveis", justificou. Atualmente, o HRG tem 19 anestesistas, sendo que quatro deles estão afastados por motivo de saúde ou férias, um foi transferido para um hospital da Asa Sul e dois não entram na escala de plantão porque são chefes de setores. "Se o anestesista tivesse chegado hoje, como foi prometido, a greve teria acabado. Estamos cansados das promessas não cumpridas", ressaltou Rodrigo Dutra Milholi, representante dos residentes.

Em nota, a Subsecretaria de Atenção à Saúde informou que o acordo feito com os médicos residentes previa o prazo entre 1º e 10 de agosto para suprir a falta de anestesistas. A respeito dos pacientes que estão aguardando por cirurgias eletivas, cerca de 3 mil, o problema será resolvido com a adequação das salas cirúrgicas. Os doentes internados no HRG serão operados gradativamente para diminuir a demanda reprimida existente.